

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

VAMOS TER ÁGUA FARTA E BARATA?

A Câmara Municipal de Lisboa pretende remir o contrato da Companhia das Águas. Não sabemos se dessa operação resultarão vantagens apreciáveis para a população. Só os factos no-lo poderão dizer ao certo. O que sabemos é que se tivesse, nas vereações anteriores, havido menos protecção a esse potentado e mais consideração pelos interesses do público a remissão já se teria feito — e o sr. Carlos Pereira, isto é, a Companhia das Águas, já teria deixado de trocar de todos nós.

Nós conhecemos a fundo quais são as intenções da comissão administrativa da Câmara. Seria necessário que tivessemos a faculdade de ver a alma humana para avaliar com segurança das intenções dos homens. O que sabemos, entretanto, é que o monopólio das águas já deveria ter terminado há muito, visto que tendo a Companhia obrigações para com o público, e não as cumprindo, perdeu todo o direito de exigir que os outros — público ou município — cumpram para com ela a letra de um contrato que ela foi a primeira a traçar.

Se estamos, portanto, absolutamente de acordo que se retire à companhia das Águas a faculdade absurda de continuar a explorar-nos, já não achamos muito certo que a indemnizemos.

Da remissão do contrato deveriam resultar apreciáveis vantagens para o público, farto de ser explorado e massacrado nesta questão das águas. O preço do líquido se não baixasse deveria pelo menos manter-se como está — que bem caro é. E o abastecimento deveria tornar-se muito mais abundante.

Será esta a intenção da Câmara? Não o sabemos. Mas se não é, devê-la-ímos.

Sem água abundante e barata não há possibilidade de observância dos preceitos de higiene numa cidade como Lisboa. E a água ainda não entrou — talvez por esses motivos, ser escassa e cara — nos hábitos da população. É necessário abrir balneários por todos os cantos, lavar e esfregar os asfaltos, banhar as frontarias dos prédios, dar enfim uma limpeza geral — tanto às coisas como às pessoas.

Se a Câmara tiver boas intenções e souber, sem grande sacrifício para a bolsa do povo, meter a companhia na ordem, retirando-lhe o bolo que ela vem saboreando, talvez, em matéria de higiene, Lisboa comece a familiarizar-se com a civilização.

FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmino Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Afuga dos esfomeados

A emigração intensificou-se de tal modo que os patriotas começaram a alarmar-se. Já há quem fale na falta de braços, na falta de braços para explorar.

Não há falta de braços, pelo menos neste momento em que milhares de operários em todos os pontos do país se encontram sem colocação. Dá-se, até a circunstância de a crise de trabalho, em vez de se atenuar, concretizar agravando-se mais.

Ainda, há dias, em Rio de Moinhos uma fábrica, dessa sinistra e famosa União Fábril do sinistro e famoso Alfredo da Silva, cerrou as suas portas, sob a alegação da falta de matéria prima. Nessa fábrica trabalhavam 300 operários que estão agora começando a sofrer as dolorosas consequências dum desemprego que pode prolongar-se por um indefinido espaço de tempo. E outras fábricas preparam-se para também cerrar as suas portas, lançando os que nela trabalham para a miséria.

Oficialmente, a crise de trabalho é como se não existisse. A miséria dos desocupados é ignorada nas esteras do poder. Não se toma uma providência, não se leva à prática uma única medida destinada a pôr termo à situação angustiosa dos que se debatem com a fome.

A população operária vê-se colocada à margem da sociedade. E, dessa população operária, aquela parte que não tem trabalho e não tem pão, viu-se de tão desamparada que compreendeu que se continuasse de braços cruzados ficaria colocada, em pouco tempo, à margem da vida.

O recurso, o único recurso que encontrou foi o de emigrar. E lançou mão dele, desesperadamente. Não nos venham falar na árvore das patas. Fora um ou outro desgracado mergulhado na mais absoluta ignorância, ninguém acredita nessa pessada lenda. E basta constatar que a emigração se intensificou no momento em que a crise de trabalho mostrou uma tendência para se

Condenados às penas do inferno

De vez em quando, com uma irregularidade motivada por exigências várias, que gostosamente satisfazem, porque foram,umas por mim criadas e outras voluntariamente aceites, venho às colunas deste jornal comunicar com os proletários, eu que sou um proletário também.

Não me trazem aqui — digam-lo mais uma vez — pretensões literárias, nem pródicos de mentor; menos ainda a vaidez ridícula de ver o meu nome em letra de fôrma.

Quando lango no papel alguma coisa daquilo que leo, comentada de uma maneira mais ou menos perfeita com uma oportunidade mais ou menos justa, vejo operários curvarem-se atentos sobre as linhas da minha prosa mal burilada e seca. Essa atenção, já por tantas vias comprovada, ponto de partida de uma laboração mental útil e fecunda, é um estímulo. Nada mais desejo que continuar a merecerla.

Sei de antemão que o que escrevo não pode agradar a todos, nem pela forma, nem pela doutrina. Muito menos agradar a católicos, para quem, aliás, não são os meus escritos. Sei também que dos defensores da Igreja, que escrevem, não devo esperar cortezia. Por isso mesmo já não leo as suas apreciações, onde nunca contra mim encontro argumentos.

Cotados! Esfalfam-se bramando que a Igreja recebeu do Deus o poder de castigar os que se afastam da verdade, não só com penas espirituais, mas também com penas corporais, «a prisão, a flagelação, a mutilação, a morte» (Théologie de Clamont, 1904, T. I pp. 401, 403, 404). A Humanidade se ouviu, riu-se e seguirá avante.

Já vai bem longo o tempo em que um São João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, dizia ao povo de Antioquia: «Já que preguei hoje da blasfêmia, queremos a todos uma coisa em prémio do meu sermão: vem a ser que castigueis aos que basfemam na cidade. E se na rua ou na praça ouvires a alguém blasfemar, chegai e reprehendei-o; dai-lhe se for necessário, assentai-lhe a mão com uma bofetada; com lhe ferires o rosto santifica a vossa mão».

Entre nós, os actuais corifeus da Igreja e os seus acólitos, que se ocupam em forjear artigos de jornais, como não podem assentá-la a mão, esgrimeam a língua, espécie de navalha de ponta e mola sempre em riste. As cegas e de longe despedem golpes que deixam incômodo o adversário que não desce ao instinto sozinho da praça pública.

Os alvejados que prezam a sua dignidade e sabem que à tona de um substratum amíngui sujo só podem vir emanações que treoram infernais apertam o nariz entre os dedos e continuam o seu caminho.

Ainda me não pude acostumar a essas crises fóbicas, de que tenho conhecimento indirectamente. São almas que se estão perdendo, entre para quem o negócio da salvação é cada vez mais, perilmente e sóbre mim impõe a ameaça constante de ter de tolar a sua presença a meu lado nos caldeiros, nos fogos que nunca mais se apagam.

Como escaparão das penas do inferno católicos que se afastam dos preceitos santiíssimos dos apóstolos e dos padres da Igreja?

«Pois eu digo-vos: que todo o que se reu contra seu irmão será reu em julgo; e o que disser a seu irmão Raca será reu no Conselho; e o que disser é um tolo será reu no fogo do inferno (Mateus V. 22).

Estas palavras são tanto de hoje como de ontem. Jesus, que as proferiu, disse, afirmam-no os Evangelhos: «O céu e a terra passarão, mas não passarão as minhas palavras.»

Não fogem do fogo eterno os que vivem do insulto.

Como é que estes católicos que se consideram e apregoam detentores máximos da inteligência, esqueceram que Deus «inclina-se ao humilde e lhe prodigala as suas

benesses? e a carestia da vida para se agravar.

Um jornal da noite chamou à partida dos emigrantes a fuga dos ignorantes. E' certo que muitos dos emigrantes são analfabetos. Mas, analfabeto é a esmagadora maioria dos habitantes desse país e, portanto, a maioria dos emigrantes não podia ser composta de gente instruída. Deve pois chamar-se-lhe com mais propriedade a fuga dos esfomeados.

Mas nem toda a gente pode emigrar. Nem todos podem empenhar os seus bairros para adquirir a passagem e pagar a roubaheira dos passaportes. Não podem empenhar os seus modestos haveres para emigrar porque já os empênharam para matar a fome. Se não fosse isso os milhares de desocupados que se debatem com a miséria já tinham fugido à tragica condenação que sobre elas pesa.

A questão das águas

Formalidades a cumprir pela Câmara na remissão do contrato

O presidente da Comissão Administrativa, coronel Vicente de Freitas, conferiu ontem com o ministro do Comércio, em nome da mesma Comissão, acerca dos desejos desta de remir o contrato celebrado entre o Governo e a Companhia das Águas, aproveitando-se assim da cláusula 7.º do mesmo contrato que dá o direito de remissão tanto ao Governo como à Câmara, mediante o pagamento de determinadas anuidades e de outros encargos. O Governo está de acordo em que o contrato seja remido pela Câmara, devendo, no entanto, a comunicação da resolução da Comissão Administrativa tomada nesse sentido ser comunicada oficialmente. Depois disso a Câmara entrará em negociações com a Companhia.

O recurso, o único recurso que encontrou foi o de emigrar. E lançou mão dele, desesperadamente. Não nos venham falar na árvore das patas. Fora um ou outro desgracado mergulhado na mais absoluta ignorância, ninguém acredita nessa pessada lenda. E basta constatar que a emigração se intensificou no momento em que a crise de trabalho mostrou uma tendência para se

Lede o Suplemento de "A Batalha"

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1923

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2437

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 10

TEATRO NACIONAL
HOJE
Telef. N. 3049

COMPANHIA BERTA BIVAR—ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: representação do sensacional drama em 4 actos

O PARALÍTICO

peça que todos devem ir ver para apreciar o notável trabalho do ilustre actor

ALVES DA CUNHA

O mais artístico espectáculo da actualidade

Últimas notas do Congresso Extraordinário de Sindicatos

Na reportagem das últimas sessões do Congresso Extraordinário dos Sindicatos de Lisboa publicaram-se duas erratas que merecem rectificação.

A primeira deve-se a uma gralha involuntária e refere-se ao documento apresentado pelo delegado António Costa, dos imprensa tipográficos.

Na segunda conclusão desse documento, em lugar do que foi publicado, deveria ter sido o seguinte: «deve a C. G. T. manter insosmivelmente a sua característica sindicalista incompatível com a sujeição a qualquer das Internacionais existentes», etc.

A outra errata deve-se à má interpretação e refere-se às declarações de Ernesto Bonifácio. No final do discurso desse delegado lê-se que «discordou do critério dos delegados da Construção Civil por favorecer a propriedade privada».

A verdade é esta: os delegados da construção civil haviam discordado de uma conclusão da tese de Inquérito porque manifestava um princípio que, na prática, favoreceria o desenvolvimento da propriedade privada. O relator da tese, Ernesto Bonifácio, é que no seu discurso contestou esta opinião com ponto de vista contrário.

Um esclarecimento do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria

Do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria recebemos a seguinte nota oficial:

Tendo este organismo constatado que a moção que apresentou no Congresso Extraordinário dos Sindicatos de Lisboa, sobre «Unidade Sindical», tem sido mal interpretada por uns, e desvirtuada por outros,

a ponto de alguns sindicatos quando se procedeu à votação, mercê dos factores acima apontados, terem feito declarações que não correspondem à verdade dos factos, vem o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria pôr as coisas no seu verdadeiro lugar, para se evitarem espéculações que de futuro se possam vir a fazer.

Dizem por exemplo os metalúrgicos na sua declaração de voto «que rejeitam a moção dos empregados no comércio e indústria, porque ela preconiza imediata e provisoriamente a desligação da A. I. T.»

Em primeiro lugar os metalúrgicos não rejeitaram a nossa moção pela razão simples de que ela não chegou a ser posta à votação, devido a ter sido aprovada a moção da construção civil, que por consequência prejudicou a deste sindicato, visto que a doutrina das duas moções era idêntica, diferindo apenas na forma de realizar o objectivo em vista, que consistia na construção civil na realização de um Congresso Confederal Extraordinário, e a este organismo propunha um referéndum à organização confederada, por achá-la impossível, considerar que é devido à sua desorganização.

De contrário, não havia de, tão infimamente, escarnecer de tantas pessoas, sem que uma voz rebelte se fizesse ouvir. Não, sr. abade de S. Mamede e quejando. —C.

Elvas

Na perspectiva de um futuro sombrio

ELVAS, 6.—O declinar do verão foi sempre para os trabalhadores o antíntico de uma época de luta, fome e miséria, sempre humilhante e aterradora, e que torna diferentes aspectos, conforme os rigores que o inverno oferece. A presente promete ser terrível.

Lutar com as intempéries que muitas vezes os impedem de trabalhar, lutar com o patrônio, que expõe sempre a ocasião mais oportuna para dar apertos formidáveis na tarracha escravizadora, lutar, enfim, com a desmedida ambição dos comerciantes que, sem respeito pelo seu semelhante, falsificam e encarecem os géneros de que precisam é para os trabalhadores obra que merece toda a atenção, energia e união, sob pena de verem os seus filhos tornados as maiores vítimas da desigualdade social, que eles próprios com o seu alheamento pelo associativismo têm alimentado. Já devido às chuvas alguns dias se têm passado sem que no campo se possa trabalhar, contudo, como é princípio ainda não tomou esta questão um aspecto grave. Mais vejam os salários: os trabalhadores que (mais devido à sua desorganização) são obrigados a trabalhar em lugar distante durante 15 dias consecutivos, visto não terem descanso semanal, sujeitos a uma alimentação inferior, aferem por cada dia de labor 300\$00 e 250\$, isto é, o suficiente, somente, para andarem esfarrapados, e se têm companheira e filhos então são estes que mais sofrem as consequências deste mal.

Em relação, os que trabalham mais próximo e que não estão sujeitos à alimentação acima, lucram com o seu esforço diário 900\$00 e 800\$00; para sermos rectos na verdade diremos também que algumas chegam a 1000\$00, mas são menos, i. d'ores comerciantes, tudo o que se dissesse não representaria uma parte da verdade.

Bastará fazer-se a leitura dum dos considerandos e dum das conclusões da nossa moção que a seguir publicamos, para se ver quanto de errôneo tem aquela afirmação:

Considerando que diversos sindicatos, desejando se estabeleça a unidade na Organização Sindical, propõem como base a suspensão da adesão à A. I. T. e, como tal resolução não pode sair dum reunião local como a que a C. S. T. de Lisboa acaba de convocar, mas, sim dum congresso confederal ou dum referéndum dominado da C. G. T.

2º Propõe ao Conselho Confederal a nomeação de uma comissão de 5 membros: sendo dois representantes dos sindicatos partidários da A. I. T. e I. S. V. e 3 delegados indicados ou aceites por com o encargo de elaborarem um referéndum imparcial que será submetido à apreciação dos sindicatos adherentes com a consulta da suspensão ou manutenção da adesão à A. I. T.

Lamenta o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria que estes mal entendidos se verifiquem pois que já na tese «Crise e horário de trabalho» se desvirtuou o espírito do nosso parecer, forçando-nos também nessa altura a virmos a público desmentir as afirmações feitas e tendo os nossos delegados em pleno congresso protestado contra esse facto.

AGREMIAÇÕES VÁRIAS

Grupo Libertário «Os Filhos da Liberdade». — Reuniu no dia 3 do corrente este Grupo, com sede em Gaia, tomando importantes resoluções. As reuniões ordinárias passam a ter lugar quinzenalmente, as quartas-feiras, sendo a próxima em 17 desse mês.

Logo que as suas disponibilidades o permitem este grupo entrará em larga actividade. Foi registada a adesão de dois novos sócios.

Toda a correspondência deve ser dirigida a J. Vieira Alves, rua General Torres, 143, 1.º — Gaia.

A BATALHA na província e arredores

Foz do Douro

No dia dos mortos

FOZ DO DOURO, 7.—Ofereceu-nos aspectos interessantes a passagem do tradicional dia dos «fieis», assinalado aqui com visitas e adorno das campas no cemitério—costume revelador de muita ignorância—e ida à missa logo de manhã, não esquecendo, também, a sermonata, como é próprio destes dias.

Vamos focar um facto que verificámos na rápida visita que fizemos ao cemitério para «ver», e que demonstra bem o quanto há de hipocrisia no procedimento de muitos que rendem culto aos mortos.

Há bem pouco tempo morreu um indivíduo que foi guardado nocturno e que deixou vivida uma mulher exuberante de vida. Ela, talvez forçada pelo instinto sexual, não tardou em agredir a si um novo indivíduo, e assim viu vivido sem que alguém tenha que ver com isso. O que é censurável e merecedor de ser escalpelado é o facto de, muito católicamente e... hipocriticamente, ir ver lágrimas por sobre a terra que cobre o que foi seu marido e que muito cedo esqueceu. Vimo-la e sentimos repugnância por tanta hipocrisia.

Não é esporádico este caso, mas, por si só vale para condenar o insulto de farça que os cultos dos mortos encerra.

Fez-se tanta propaganda das qualidades oratórias do abade de São Mamede que não resistimos à tentação de o ir ouvir, mesmo para saber o que nos «espera» depois de mortos. Como orador não é o que se dizia, mas, em compensação, revelou tão profundos conhecimentos sobre «o que somos» e «que iremos ser» que abandonámos o pouco que tínhamos aprendido com os «parvos» dos sábios—esses «insensatos» que consumem a existência em «estúpidas» investigações—para só acreditarmos nas definições do abade de São Mamede, sobretudo nas demonstrações que fez de «além-túmulo». Ora o parvo do abade... «Sabe o que nos espera, segundo esta «sapiência»?

Isto: quando morremos a alma «vôa» para «cima» indo dar a uma encruzilhada fechar os saltadeiros — de onde partem três caminhos.

Encontra-se lá instalado o tribunal divino — Deus e companhia — que nos julga conforme os actos praticados. E, eis que «partimos» para a felicidade eterna, temporária ou dór eterno... se graves forem os canálices que praticámos, conforme o destino que Deus nos trouxe — ajuntamo-nos. Uma vez fechados, a chave da porta vai no regalo da pessoa mais querida que tenemos cá na terra e que rezará por nós, etc., etc., etc.

E repito, éste expoente máximo de intruguidade todos os ouvintes a contrádir-l-o.

Sabia que quase todos aceitariam aquelas reverendíssimas patranhas como verdades indiscutíveis, e que aquele que tentasse desmascará-lo seria, talvez, esquecido, talvez por os demónios que fez de «além-túmulo». Ora o parvo do abade... «Sabe o que nos espera, segundo esta «sapiência»?

De contrário, não havia de, tão infimamente, escarnecer de tantas pessoas, sem que uma voz rebelte se fizesse ouvir. Não, sr. abade de S. Mamede e quejando. —C.

Elvas

Na perspectiva de um futuro sombrio

ELVAS, 6.—O declinar do verão foi sempre para os trabalhadores o antíntico de uma época de luta, fome e miséria, sempre humilhante e aterradora, e que torna diferentes aspectos, conforme os rigores que o inverno oferece. A presente promete ser terrível.

Lutar com as intempéries que muitas vezes os impedem de trabalhar, lutar com o patrônio, que expõe sempre a ocasião mais oportuna para dar apertos formidáveis na tarracha escravizadora, lutar, enfim, com a desmedida ambição dos comerciantes que, sem respeito pelo seu semelhante, falsificam e encarecem os géneros de que precisam é para os trabalhadores obra que merece toda a atenção, energia e união, sob pena de verem os seus filhos tornados as maiores vítimas da desigualdade social, que eles próprios com o seu alheamento pelo associativismo têm alimentado. Já devido às chuvas alguns dias se têm passado sem que no campo se possa trabalhar, contudo, como é princípio ainda não tomou esta questão um aspecto grave. Mais vejam os salários: os trabalhadores que (mais devido à sua desorganização) são obrigados a trabalhar em lugar distante durante 15 dias consecutivos, visto não terem descanso semanal, sujeitos a uma alimentação inferior, aferem por cada dia de labor 300\$00 e 250\$, isto é, o suficiente, somente, para andarem esfarrapados, e se têm companheira e filhos então são estes que mais sofrem as consequências deste mal.

Em relação, os que trabalham mais próximo e que não estão sujeitos à alimentação acima, lucram com o seu esforço diário 900\$00 e 800\$00; para sermos rectos na verdade diremos também que algumas chegam a 1000\$00, mas são menos, i. d'ores comerciantes, tudo o que se dissesse não representaria uma parte da verdade.

Bastará fazer-se a leitura dum dos considerandos e dum das conclusões da nossa moção que a seguir publicamos, para se ver quanto de errôneo tem aquela afirmação:

Considerando que diversos sindicatos, desejando se estabeleça a unidade na Organização Sindical, propõem como base a suspensão da adesão à A. I. T. e, como tal resolução não pode sair dum reunião local como a que a C. S. T. de Lisboa acaba de convocar, mas, sim dum congresso confederal ou dum referéndum dominado da C. G. T.

Em relação, os que trabalham mais próximo e que não estão sujeitos à alimentação acima, lucram com o seu esforço diário 900\$00 e 800\$00; para sermos rectos na verdade diremos também que algumas chegam a 1000\$00, mas são menos, i. d'ores comerciantes, tudo o que se dissesse não representaria uma parte da verdade.

Lamenta o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria que estes mal entendidos se verifiquem pois que já na tese «Crise e horário de trabalho» se desvirtuou o espírito do nosso parecer, forçando-nos também nessa altura a virmos a público desmentir as afirmações feitas e tendo os nossos delegados em pleno congresso protestado contra esse facto.

AGREMIAÇÕES VÁRIAS

Grupo Libertário «Os Filhos da Liberdade». — Reuniu no dia 3 do corrente este Grupo, com sede em Gaia, tomando importantes resoluções. As reuniões ordinárias passam a ter lugar quinzenalmente, as quartas-feiras, sendo a próxima em 17 desse mês.

Logo que as suas disponibilidades o permitem este grupo entrará em larga actividade. Foi registada a adesão de dois novos sócios.

Toda a correspondência deve ser dirigida a J. Vieira Alves, rua General Torres, 143, 1.º — Gaia.

A BATALHA na província e arredores

Foz do Douro

No dia dos mortos

FOZ DO DOURO, 7.—Ofereceu-nos aspectos interessantes a passagem do tradicional dia dos «fieis», assinalado aqui com visitas e adorno das campas no cemitério—costume revelador de muita ignorância—e ida à missa logo de manhã, não esquecendo, também, a sermonata, como é próprio destes dias.

Vamos focar um facto que verificámos na rápida visita que fizemos ao cemitério para «ver», e que demonstra bem o quanto há de hipocrisia no procedimento de muitos que rendem culto aos mortos.

Há bem pouco tempo morreu um indivíduo que foi guardado nocturno e que deixou vivida uma mulher exuberante de vida. Ela, talvez forçada pelo instinto sexual, não tardou em agredir a si um novo indivíduo, e assim viu vivido sem que alguém tenha que ver com isso. O que é censurável e merecedor de ser escalpelado é o facto de, muito católicamente e... hipocriticamente, ir ver lágrimas por sobre a terra que cobre o que foi seu marido e que muito cedo esqueceu. Vimo-la e sentimos repugnância por tanta hipocrisia.

Não é esporádico este caso, mas, por si só vale para condenar o insulto de farça que os cultos dos mortos encerra.

Fez-se tanta propaganda das qualidades oratórias do abade de São Mamede que não resistimos à tentação de o ir ouvir, mesmo para saber o que nos «espera» depois de mortos. Como orador não é o que se dizia, mas, em compensação, revelou tão profundos conhecimentos sobre «o que somos» e «que iremos ser» que abandonámos o pouco que tínhamos aprendido com os «parvos» dos sábios—esses «insensatos» que consumem a existência em «estúpidas» investigações—para só acreditarmos nas definições do abade de São Mamede, sobretudo nas demonstrações que fez de «além-túmulo». Ora o parvo do abade... «Sabe o que nos espera, segundo esta «sapiência»?

Isto: quando morremos a alma «vôa» para «cima» indo dar a uma encruzilhada fechar os saltadeiros — de onde partem três caminhos.

Encontra-se lá instalado o tribunal divino — Deus e companhia — que nos julga conforme os actos praticados. E, eis que «partimos» para a felicidade eterna, temporária ou dór eterno... se graves forem os canálices que praticámos, conforme o destino que Deus nos trouxe — ajuntamo-nos. Uma vez fechados, a chave da porta vai no regalo da pessoa mais querida que tenemos cá na terra e que rezará por nós, etc., etc., etc.

E repito, éste expoente máximo de intruguidade todos os ouvintes a contrádir-l-o.

Sabia que quase todos aceitariam aquelas reverendíssimas patranhas como verdades indiscutíveis, e que aquele que tentasse desmascará-lo seria, talvez, esquecido, talvez por os demónios que fez de «além-túmulo». Ora o parvo do abade... «Sabe o que nos espera, segundo esta «sapiência»?

De contrário, não havia de, tão infimamente, escarnecer de tantas pessoas, sem que uma voz rebelte se fizesse ouvir. Não, sr. abade de S. Mamede e quejando. —C.

Fez-se tanta propaganda das qualidades oratórias do abade de São Mamede que não resistimos à tentação de o ir ouvir, mesmo para saber o que nos «espera» depois de mortos. Como orador não é o que se dizia, mas, em compensação, revelou tão profundos conhecimentos sobre «o que somos» e «que iremos ser» que abandonámos o pouco que tínhamos aprendido com os «parvos» dos sábios—esses «insensatos» que consumem a existência em «estúpidas» investigações—para só acreditarmos nas definições do abade de São Mamede, sobretudo nas demonstrações que fez de «além-túmulo». Ora o parvo do abade... «Sabe o que nos espera, segundo esta «sapiência»?

Isto: quando morremos a alma «vôa» para «cima» indo dar a uma encruzilhada fechar os saltadeiros — de onde partem três caminhos.

Encontra-se lá instalado o tribunal divino — Deus e companhia — que nos julga conforme os actos

MARCO POSTAL

Sintra.—Carlos F. Gaió.—Recebemos vale de 30\$00. Assinatura paga até 31 de Maio, p. p.

Graca do Divor.—A. Gaspar.—Recebemos 10\$00 que pagou a assinatura do corrente mês.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95800	
Madrid cheque	2399	
Paris, cheque	563	
Suiça	578	
Ervzelas cheque	555	
New-York	19860	
Amsterdão	7584	
Háia, cheque	385	
Brasil	2970	
Praga	585	
Suécia, cheque	5524	
Austria, cheque	2877	
Erlim,	4967	

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón, —Preço, 50.—Pedidos à administração de A Batalha.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas Nos termos da 2.ª parte do art. 31.º e seguintes dos Estatutos desta Companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas, possuidores de 100 ou mais acções, segundo os preceitos do mesmo art. 31.º, para se reunir em Lisboa, na sede social, no dia 27 de Novembro de 1926, pelas 14 horas.

ORDEN DO DIA

1.º Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da projectada linha de Tomar à Nabreche;

2.º Autorizar o Conselho de Administração em negociações com o Governo para o estabelecimento do contrato de construção e exploração da linha de Rio Maior e Ramal de Peniche, nos termos do Decreto n.º 12524, de 20 de corrente, publicado no Diário do Governo, n.º 23-1 Série, da mesma data.

Para os srs. Accionistas poderem tomar parte nesta Assembleia, devem as «ações nominativas» ter sido averbadas até ao dia 27 de Outubro corrente, inclusivamente, e as «ações au portador» ter sido depositadas até às 12 horas do dia 12 de Novembro p. futuro.

Em Lisboa—Na sede da Companhia; no Banco de Portugal; no Banco Comercial de Lisboa; no Banco Lisboa e Açores; no Banco Nacional Ultramarino; no Monte-Pio Geral; no Credit Franco-Portugais; e na casa Bancária Fonseca, Santos & Viana.

No Porto—Na filial do Banco Nacional Ultramarino.

Em Paris—Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris; do Crédit Lyonnais; da Société Générale de Crédit Industriel et Commercial; da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France; da Banque de Paris e des Pays-Bas; e da Filial do Banco Nacional Ultramarino.

A proposta do Conselho de Administração, a submeter à apreciação da Assembleia Geral que fica convocada, está patente na sede social da Companhia, para ser examinada pelos srs. Accionistas que houverem efectuado o depósito das suas acções.

Os bilhetes de admissão à assembleia geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções au portador.

A assembleia constitui-se e poderá válidamente deliberar nos termos dos estatutos designadamente Art. 31.º

Lisboa, 27 de Outubro de 1926.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral (a) Carlos Ary Gonçalves dos Santos.

AOS MARCENEIROS

Jacarandá serrado a 1\$00 o quilo. Casquinha, pinhos, freijó, mogno, noguera, vinhático, cedro, etc., e mogrossuras. Fólios garantimentos feitos. Serradura a 50\$ o quilo.

Calçada do Tijolo, 41 (ao Bairro Alto)

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narino—A's 6 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—Horas: Ringueiras urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e as 5 horas.

Dores nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômagos e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernest Roma—5 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—10 horas.

Kaxo—Dr. Aleu Salgado—4 horas.

Análises—Dr. Gabriel Beato—4 horas.

Entrada: RUA DO AMPARO, 116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

Em 23 de Dezembro de 1926

Prémios maiores... 4.000.000\$00

1.200.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cauteias a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a:

Campião & C.º

116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

10-11-1926

OS MISTERIOS DO POVO

aberta a sessão, os delegados da secção dos Lombardos foram admitidos à barra.

O orador da deputação, (com um barrete vermelho na cabeça e uma espingarda na mão).—Cidadãos representantes, a corte atraírou o povo a secção dos Lombardos aderiu à insurreição, e, ao romper do dia, vai tomar parte no ataque das Tulherias. Vamos reuni-nos aos nossos irmãos.

Pastoret.—O povo deve respeitar a lei e a Constituição.

A estas palavras do cidadão Pastoret, violentos protestos se levantaram na extrema esquerda da Assemblea. Pastoret cedeu então o lugar a Morlot, presidente da Assemblea. Neste momento, três oficiais municipais, pertencentes ao antigo conselho, foram também introduzidos à barra.

O presidente, (aos oficiais municipais).—Os senhores têm a palavra.

Um oficial municipal, (pálido e comovido).—Toca-se a rebata em Paris, e a irritação popular chegou ao último extremo. Todas as secções se estão reunindo, armadas; muitos colegas nossos foram presos, quando iam, por ordem do conselho, informar-se do estado dos ánimos. Os revoltosos preparam-se para atacarem as Tulherias ao romper da manhã.

Um membro da esquerda.—Seria um acto de perfeita justiça. E' nas Tulherias que está o maior inimigo do povo. E' preciso que o anique o povo soberano! (Entusiasmados aplausos nas tribunas).

Durante este tumulto, entra um continuo, que se chega precipitadamente para a mesa e entrega uma carta ao presidente, que a lê, toca a campanha para reclamar silêncio, e diz:

O presidente.—Senhores, acabo de saber, pelos administradores da polícia, que a cada instante chegam ao paço municipal delegados das secções a perguntar pelo sr. Petion, por se ter espalhado o boato de ter ido esta noite ao castelo, e o povo teme que ele tenha lá sido assassinado pelos realistas.

A estas palavras, sobe ao último extremo a agitação das tribunas. O patriotismo, a coragem, a ilimitada dedicação de Petion à revolução tinham-no tornado querido do povo.

Neste momento, Petion entrou na sala e caminhou para a barra. A sua presença provocou as aclamações das tribunas, tranquilizadas a respeito dos perigos que estava exposto nas Tulherias o chefe da municipalidade parisiense.

O presidente.—Sr. Petion, a Assemblea estava vivamente inquieta por sua causa... Queira explicar-nos os perigos a que o julgaram exposto...

Petion, (grave e sereno).—Completamente absorto pelos negócios públicos, facilmente esquecia as coisas que me dizem respeito pessoalmente a mim. E' certo que esta noite, quando cheguei ao castelo, fui muito recebido. Desembainharam-se algumas espadas, e eu ouvi gritos ameaçadores contra mim. Mas esses gritos não me intimidaram.

Os primeiros raios do sol fizeram empalidecer a luz dos lustres que iluminavam a sala das sessões; quase todos os representantes do povo estavam reunidos, sentados nos seus lugares habituais. Os deputados da direita pareciam consternados.

De repente, entrou na sala um deputado, que correu para o seu lugar, com o olhar desvairado e o fato em desalinho; este deputado, que era da direita, exclamou com voz comovida:

—As Tulherias vão ser atacadas. As secções armadas já cercam o castelo. Uma grande parte da guarda nacional, especialmente artilheiros, fraternizou com as secções! Os canhões estão apontados para o castelo; as tropas que o defendem estão resolvidas a uma luta desesperada; vai derramar-se sangue, e está em perigo a vida do rei e da sua família!

A Assemblea conservou-se em solene silêncio. Um deputado da direita ergueu-se e disse com a voz trémula:

—Pego que seja nomeada imediatamente uma comissão para ir convidar o rei a vir para o scio da Assemblea, colocar-se sob a nossa protecção.

A estas palavras, sobe ao último extremo a agitação das tribunas. O patriotismo, a coragem, a ilimitada dedicação de Petion à revolução tinham-no tornado querido do povo.

—O presidente.—A Assemblea não pode deliberar sobre essa proposta, porque a constituição deixa livre ao rei a faculdade de vir ao seio da Assemblea quando o julgar conveniente.

Chega à barra um juiz de paz, num estado de extrema agitação, e diz:

—Sr. presidente, eu estava há um quarto de hora no pátio do castelo, e fui testemunha de factos graves, que podem elucidar a assembleia acerca da situação dos assaltantes e dos defensores do castelo, neste momento em que uma luta terrível se vai travar, luta em que pode bem sossobrar a monarquia.

O presidente.—Fale, senhor.

O juiz de paz.—Esta manhã, as seis horas, o rei desceu ao pátio das Tulherias, a fim de passar revista às tropas. Acompanhava-o a rainha, e atraíram deles viña um grupo de fidalgos com trajes palacianos, armados uns de espadas, outros de carabinas, etc. Esta insolente e ridícula escolta produziu logo na guarda nacional um péssimo efeito. Depois, tanto era firme e resoluta a atitude da rainha, quanto era hesitante e indecisiva a do rei, que parecia vir ainda a dormir. Con tudo ouviram-se alguns gritos de «Viva o rei!». Mas os batalhões da Cruz Vermelha e todos os artilheiros bradavam: «Viva a nação!». Eu atavi ouvi alguns gritos de: «Abajo o Veto! abajo o traidor!». O rei empalideceu, fez um gesto de cólera, e entrou bruscamente no castelo. A rainha, que ficou no pátio, aproximou-se do estado maior dos batalhões de Mauconseil, e dos Arcis, e disse apontando para o grupo de fidalgos que a acompanhavam:

—Estes senhores são os nossos melhores amigos; acompanham-nos no momento do perigo, e hão de mostrar a guarda nacional como um bom soldado morre pelo seu rei....

O juiz de paz foi interrompido, cobrindo-lhe a voz um grande tumulto fora da sala, no pátio do Picadeiro; ouviu-se clamores que se aproximavam cada vez mais. Muitos deputados se levantaram, e alguns des-

NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS sem consultar a Empresa de Limas União Tomé Feteira, Ltda.
Sede em VIEIRA DE LEIRIA
EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa Travessa do Fala Só, 9-B TELEF. N. 3415

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS
A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Teléfones: Norte 5521 e 5528.
Escritório e Garagem Rua Almirante Barroso, 21

PELES!!! História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, deriva desde os primeiros séculos da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1930; pelo preço, registo, 1930.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.º—La era de la esclavitud;

2.º—La rebelión de Espartaco;

3.º—Abolición de la esclavitud;

4.º—Abolición y Servidumbre;

5.º—La revolución de los siervos;

6.º—La miseria de los agricultores;

7.º—Transformación del Poder Feudal;

8.º—El comunismo cristiano;

9.º—Los miserables en la Edad Media;

10.º—La libertad ilusoria;

11.º—La agonía del absolutismo;

12.º—El trabajo motor universal;

A BATALHA

O ministro da Instrução mandou sustar o pagamento das propinas nos liceus até que um decreto regula o assunto.



MARINHA GRANDE

O desprêzo pela instrução popular

Uma carta da professora D. Beatriz Adelaide Ferreira Vale sobre o assunto

Da sr.ª D. Beatriz Adelaide Ferreira Vale, distinta professora-diretora da escola primária de Marinha Grande visada numa correspondência daquela vila há dias publicada, recebemos a carta que a seguir inserimos:

Ex.º Sr. Director:—O vosso jornal de quarta-feira última publica uma correspondência referente ao não funcionamento de uma das salas da escola de instrução primária desta vila.

Como nessa correspondência, por falta, certamente, de suficiente informação, se não reproduz a verdade, venho solicitar-lhe, como professora diretora dessa escola, o favor de publicar os meus esclarecimentos.

Começo por dizer que a sala em questão era imprópria, mesmo antes das obras da Associação de Socorros Mútuos, para lecionamento de crianças, visto que sendo, de facto, uma sala de grandes dimensões, não recebia luz suficiente das quatro janelas que tinha voltadas ao norte e uma voltada a oeste para possuir condições pedagógicas. Isto, em dias de muita luz. Mas faça a ideia, sr. director, do que é a luz desta sala em dias escuros de inverno.

Ora é nesta sala que há anos funcionam, por falta de suficientes salas que compõem a população escolar desta vila, dois cursos, sendo um das 10 às 14 horas, e o outro das 14 horas, (sem intervalo para reavivamento de ar a-limpo) do outro curso poder funcionar) até ser possível ver alguma coisa. Tardes havia em que uma boa parte das lições tinham que ser dadas de pé, juntando as janelas.

Embora contrariado, o sr. Inspector Escolar vinha consentindo no funcionamento desta sala, mas sempre instando por provisões que pudessem termo a esta situação imprópria dum terra civilizada.

Eu e as outras professoras que nesta sala têm lecionado, do mesmo modo temos satisfeita, junto das pessoas influentes desta localidade, a gravidade deste estado de coisas e a indispensabilidade de lhe dar remédio urgente. Pois foi a esta sala que ainda se tirou uma janela, encurtando a sala, é certo, mas prejudicando, assim, mais as suas condições escolares, visto que só pouco afastados das janelas os alunos podem ter alguma luz.

E' este o principal motivo do não funcionamento desta sala escolar. Mas houve também, no caso das obras, um manifesto desprêzo pelos professores e pelo Inspector Escolar e isto não o diz ou, antes, contra isto se não revoltou o entrevistado da correspondência.

Pois, sr. director, as obras foram feitas sem o mínimo conhecimento destas entidades, que, muito naturalmente, se houvesse amor pelo ensino, e alguma consideração pelos educadores, deviam ser consultadas.

O sr. presidente do Monte-pio oficiou ao sr. presidente da comissão administrativa do Município a pedir autorização para as obras; este senhor oficiou dando autorização para as obras se fazerem e eis que estas se começaram depois de se obter a chave da sala sem meu conhecimento!

Quando no dia 1 de Outubro, dia em que começam as matrículas, fui para entrar na escola e vi que me era impossível lá permanecer com as crianças por motivo das obras referidas, outra coisa não tinha a fazer senão participar ao sr. Inspector Escolar o que estava ocorrendo. Foi o que fiz, relatando-lhe que antes das obras começaram já tinha a escola limpida e em condições de reabrir e que não me fôrada de retirar da mesma, por falta de aviso, nem livros de escrituração nem nada do que à escola pertence e que podia estragar-se com o entulho das obras.

Não podia deixar de participar isto, sem influências do professor sr. Gomes Belo ou ou fôsse de quem fôsse, pois não preciso de influências estranhas para coisas de tão comum intuição.

Em resposta ao meu ofício recebi ordem de não iniciar, na sala referida, os trabalhos escolares.

A Câmara Municipal desta vila, mais do que a qualquer outra entidade, compete providenciar ou reclamar provisões. Os professores simplesmente desejam que lhes seja facilitado meio de exercerem a sua nobíssima profissão.

Agradecendo a publicação destas linhas, subscrevo-me com a maior consideração. De V. etc., Beatriz Adelaide Ferreira Vale.

O presidente da Câmara de Marinha Grande num entrevista concedida à "Batalha" confirma as acusações do nosso correspondente

MARINHA GRANDE, 7.—O sr. Gomes Belo numa carta publicada em *A Batalha* refutava as nossas afirmações feitas nestas colunas, atribuindo-as a Alves de Freitas que toda a gente desta vila sabe estar ausente e só aquele cavalheiro ignora esse facto e ignorá-o ao ponto de ir a casa paterna de Alves de Freitas pedir-lhe respostas de um acto que não praticou.

Ora para que não se diga que as nossas afirmações foram gratuitas resolvemos procurar o presidente da Câmara Municipal de Marinha Grande, sr. Joaquim Ferreira, a fim de que este senhor dissesse aos leitores de *A Batalha* toda a verdade do estremo caso que revelámos.

O sr. Ferreira, que nos recebeu amavelmente, prontificou-se a satisfazer os nossos desejos. Eis as suas declarações a todos os titulos interessantes:

— Pode informar-me da razão que levou a Câmara a autorizar as obras na escola sem consultar a directora e o inspector da mesma? — preguntemos.

E a resposta não se fez esperar:

— Porque desconhecemos que a directora e o inspector referido superintendentes sem no caso. E quer uma prova? Depois do encerramento da escola e como o inspector nos não comunicasse nada, nós oficiámos ao delegado do governo reclamando provisões.

— Mas o sr. Gomes Belo diz que as obras preiudicaram as condições higiênicas e pe-

NO RÉGIME CAPITALISTA O PARADOXO ECONÓMICO NORTE-AMERICANO

O capitalismo americano forma actualmente um império económico formidável. Todo o mundo se tornou tributário da indústria e do comércio dos Estados Unidos.

As estatísticas do departamento do comércio da América do Norte informavam, em Agosto último, que a Europa havia feito compras no valor de 186 milhões de dólares; a América do Sul, cerca de 35 milhões; a Ásia, 37 milhões. Estes números dão uma ideia muito vasta do poder económico dos Estados Unidos, mas não revelam a avassaladora invasão pelo capital americano das Américas, da Europa e do Ásia.

A Europa, sobretudo, organizou uma furiosa resistência ao poder norte-americano. Para quebrar a onda comercial, industrial e financeira do capitalismo yankee os capitalistas europeus empregam recursos que depressa se esgotam, sem lhes darem proveito duradouro — a diminuição dos salários, o prolongamento do horário de trabalho. Contudo, da sua política económica, o capitalismo europeu só conseguiu o enfraquecimento progressivo da força económica dos países deste continente.

Entretanto, o capitalismo norte-americano segue uma política antagônica, a qual consiste em sucessivos aumentos de salários e sucessivas reduções de horas de trabalho. O capitalismo europeu repudiou esta medida como a causadora da ruína de toda a indústria; na realidade, porém, a indústria dos Estados Unidos coloca-se, sob essa política económica, em admiráveis condições que lhe permitem uma larga exportação num mercado interno mais formidável que o do maior país.

Fala-se muito dos altos salários auferidos pelos trabalhadores americanos, numa indústria que se faz a mais rica e poderosa do mundo inteiro, que domina a indústria e o comércio de todos os continentes. Os economistas burgueses não sabem explicar o fenômeno e os operários também não, tanto mais que a situação económica dos trabalhadores norte-americanos não é tão desfogada como o supõem os próprios trabalhadores europeus.

Estes paradoxos, que não encontraram uma única definição infonsimável. Entre um alto salário e uma paralela subordinação económica, o operário não sabe discernir que o mal está na própria estrutura da sociedade capitalista.

Uma festa em favor da Escola de Estudos Sociais da Boavista

Por ocasião da comemoração do 3.º aniversário da Escola Biblioteca de Estudos Sociais que se realiza nos dias 27, 28 e 29 do corrente realiza-se uma pequena festa em favor desta agremiação, sendo sorteada uma estatueta de terra cozida para a qual se habilitam os possuidores de bilhetes de convite que possuem o respectivo número.

O programa da festa é o seguinte:
Dia 27—1.ª parte: às 20,30 horas, «A Internacional», pé orquestra; abertura, pela Comissão Administrativa; hinos pela orquestra; «O herói», por J. Macedo e côn.; «O revoltado», por J. Martins.

2.ª parte: «O deserdado», por J. Faria; Canção social, por S. de Almeida; «Poder do Ouro», drama por J. Faria.

Dia 28—1.ª parte: às 15 horas, «A Internacional», pé orquestra; conferência por Cardoso Lucena; algumas palavras por vários camaradas; Canção social, por J. Farias.

2.ª parte: «Fome e Miséria», por J. Martins; «A Taberna», por Teixeira Rocha.

Dia 29—1.ª parte: às 20,30 horas, «A Internacional», pé orquestra; «O herói», por José Macedo; Canção social, por Sofia de Almeida; recitativos, por José Faria.

2.ª parte: Canção social a concurso.

pedagógicas do edifício e foram um vêxame às autoridades superiores de instrução e por isso o director da escola chamou a atenção do inspector — retorquimos.

— E' menos verdadeira essa afirmação. Nem nós autorizámos acostosamente as obras nem foram as professoras que chamaram a atenção do inspector. É a confirmar esta declaração informo-o que uma das professoras dessa escola disse a pessoas de nossa confiança que quando o inspector cá veio se não fôsse a presença do sr. Gomes Belo o teria aconselhado a autorizar a reabertura das aulas — por achá-las em condições higiênicas para os 35 alunos matriculados — não 100 como se disse.

— Já vê, prossegue o nosso entrevistado, que o sr. Gomes Belo abusava da sua influência junto dos professores.

— Diz o sr. Gomes Belo que a Câmara pretende aliar os cursos nocturnos...

— Também nesse pormenor ele mentiu. Se se encontra um désses turnos encerrado é porque o professor que o dirigia se退休ou e a Câmara por falta de recursos ainda nomeou outro.

— Sobre material didático é certo o que aquele professor afirmou?

— E' certo que nos foi requisitada uma grande porção desse material, mas se não o fornecemos logo é porque não o possuímos. Todavia fizemos imediatamente um pedido desse material para atender a requisição.

— Sobre o edifício escolar o que há?

— Como não é ignorado pelo sr. Gomes Belo a Câmara chegou a dar 6.000\$00 para compra do referido edifício, que, mercê de não estar ainda judicialmente apurado quem é o verdadeiro proprietário, não conseguiu passar para a posse da Câmara.

— É guisa de remoção o nosso entrevistado, concluiu as suas declarações com a seguinte frase:

— Pode afirmar em *A Batalha* que neste caso só há um único culpado, o sr. Gomes Belo. Não há outro. E viverá pouco tempo quem não se convencer desta grande verdade.

— Aqui tem o sr. Gomes Belo, que pode ser um bom professor mas não é amigo das crianças, a melhor resposta à sua carta.

O leitor que avalia quem é que falou verdade: se nós se o meu contraditor na sua infeliz carta... C.

N. da R. — Como o assunto está já suficientemente esclarecido com a publicação da carta de D. Beatriz Adelaide Ferreira de Vale e com a inserção das declarações do presidente da Câmara Municipal de Marinha Grande damos o assunto arrumado nas nossas colunas.

LUTA DE CLASSES

Completamente isolados, os mineiros ingleses prosseguem a sua luta formidável

Os graves prejuízos económicos

LONDRES, novembro. — Talvez esteja declinando a admirável luta dos mineiros.

As negociações para uma rápida solução prosseguem com grande atividade.

A traição, ou a cobardia, dos chefes reformistas originou uma derrota de esforços lutadores, sem que essa derrota de melhora situação à indústria e aos operários.

O famoso comité executivo insiste em que os mineiros aceitem acordos regionais que implicariam uma redução de salários e um prolongamento do horário de trabalho. Os delegados mineiros, porém, exigem que toda a doutrina e disposições de propostos acordos nacionais sejam coordenadas em acordo nacional.

As negociações têm sido muito lentas. Os representantes do governo opunham-se a qualquer acordo nacional. Nenhuma solução se tomou, mas decidiu-se nova reunião do governo e dos mineiros para o dia 10 de novembro.

A Associação dos Litógrafos de Lisboa toma resoluções importantes

à cerca do movimento grevista da Litografia Nacional, do Porto

Em reunião da Comissão Administrativa e Comissão de Propaganda e Educação do Sindicato dos Operários Litógrafos e Anexos, foi mais uma vez observado o movimento ativo dos operários da litografia dos Sois da Porto, contra a exploração desrespeitosa litográficos. Depois de ouvir a exposição do delegado da Associação dos Litógrafos do Porto, que veio à capital a fim de observar os manejos deste despotismo explorador dos seus operários, foi resolvido, entre o delegado dos Litógrafos do Porto e Comissões Administrativa e de Propaganda do Sindicato dos Litógrafos de Lisboa, concerter um plano de defesa tanto para os camaradas do Porto como propriamente para toda a classe litográfica do sul.

Assim, depois de concretamente sabermos quais os factos verdadeiros passados no Porto em relação à greve da *Nacional*, para de observarmos os manejos deste sindicato, a fim de arranjar pessoal do sul para ir trabalhar para a sua roça, esta comissão afirma, para conhecimento de toda a classe litográfica do sul, que, ao contrário do propagado por este explorador da miséria dos seus operários, a greve da Litografia Nacional continua com o mesmo entusiasmo do primeiro dia, estando os operários da data caso dispostos só a retomarem o trabalho quando termine o véspera e exploração de que era vítima por parte dos srs. *Sois*.

A Associação dos Operários Litógrafos de Lisboa, a pesar da grande crise que lava na indústria, afirma a sua completa solidariedade ao Sindicato dos Operários Litógrafos do Porto.

O mesmo organismo avisa toda a classe litográfica do sul que não deve aceitar contratos de trabalho de espécie alguma para o Porto, sem primeiro se informar junto dos corpos gerentes deste sindicato, pois é necessário rodear da máxima cautela a ida de qualquer litógrafo para o Porto, a fim de não ser atraído o movimento dos nossos camaradas, e também serem completamente acautelados os interesses dos operários que tenham que se deslocar da capital.

Mais afirma que pelas resoluções tomadas por este sindicato na presença do delegado do Porto, absolutamente ninguém irá para a *Nacional* trabalhar. Por isso pode o sr. *Sois* ir para a sua herida descansado e continuar com as suas malévolas ideias de esmagar o seu pessoal, porque no sul a classe litográfica ainda saberá respeitar os seus deveres de operários conscientes e de solidariedade para com os seus irmãos vítimas da exploração da casta patronal.

Brevemente realizou-se uma assembleia da classe litográfica de Lisboa a fim de a por ao corrente dos manejos burlescos dos *Sois* e, ao mesmo tempo, tomar resoluções a fim de ser ainda mais completa a solidariedade aos heróicos lutadores da *Nacional*.

Limitemos-nos a fazer a destrição entre o falso trabalho intelectual e o trabalho verdadeiramente útil. Como nós dissemos a propósito do trabalho produzido pela ameaça dos castigos e pelo alicerce do prazer, a preguiça é uma paixão hipocrática e velhaca: é manhos quando tem o fio de dissimular o trabalho. Toma uma quantidade enorme de aparências de trabalho que na realidade não são mais do que a fuga ante o esforço.

A criança é tão engenhosa para dissimular o trabalho, como pelo enfado, os professores se resignam à comédia que lhes está distribuída. A conspiração para o menor esforço é universal. E' como se diz, as relações sociais fixam-se sobre as mentiras convencionais que fazem com que ninguém se aperceba de que nos não moeda falso.

E' necessário passar 6 horas numa sala de estudo para constatar o simulacro de trabalho; cartas complacentemente complicadas, resumidos inertes, deveres desculpidos...

Só fazendo um exame oral ou lendo a infinidade de cópias se poderão apreciar as tentativas de ócio espirito, plagiados, fórmulas vazias de sentido para o aluno. Do mesmo modo que os navios em perigo espalham em volta deles nevoeiros opacos que os encobrem aos submarinos, assim os nossos alunos encobrem aos examinadores à inocência do seu último pensamento por meio dum nevoeiro de palavras não compreendidas de fórmulas abstractas, de conhecimentos sobre os quais não fazem uma ideia vaga, nem estímulo... de filosofia, que não são mais do que pseudo trabalho, uma encurtada de notas sem nenhum valor de pensamento pessoal e que não valem o papel que têm custado...

No ensino superior a mesma conspiração tácita para aceitar o simulacro de trabalho; as nossas bibliotecas universitárias estão cheias de teses de direito, de medicina, de história, de ciências naturais e mesmo, ai de mim!... de filosofia, que não são mais do que pseudo trabalho, uma encurtada de notas sem nenhum valor de pensamento pessoal e que não valem o papel que têm custado...

No ensino superior a mesma conspiração tácita para aceitar o simulacro de trabalho; as nossas bibliotecas universitárias estão cheias de teses de direito, de medicina, de história, de ciências naturais e mesmo, ai de mim!... de filosofia, que não são mais do que pseudo trabalho, uma encurtada de notas sem nenhum valor de pensamento pessoal e que não valem o papel que têm custado...

Novamente apelamos para os exploradores, lembrando-lhes a conveniência que têm de entrar para os seus sindicatos, para que, unidos, evitem estas patifarias. De contrário, dispersos, aleijos aos seus interesses, piores das ainda os espera... C.

A situação no estrangeiro

Ferroviários canadenses

LONDRES, 9.—Durante o dia de hoje não se modificou a situação mineira, reuniu-se a comissão executiva da federação mineira para elaborar o relatório que amanhã apresentará à conferência dos delegados que têm de promulgar-se sobre a aceitação de acordos distritais excedendo o dia de sete horas de trabalho.

O sr. Cook, secretário geral da federação, declarou hoje que continua adversário do aumento do número de